

tantos e de melindrosa acuidade e elevado interesse.

De passagem, mesmo, seja-me permitido sugerir que talvez não fosse difícil obter-se que, tanto em Portugal como no Brasil—e desde a escola primária—a matéria correspondente aos três cursos de História, Geografia e Literatura comportasse uma adenda onde fosse sumariada, reciprocamente, toda a vida histórica e literária das duas nações irmãs; pois, não só passaríamos a conhecer o Brasil muito melhor e mais de perto, avaliando-o pelo que êle, realmente, vale e corporiza, como os brasileiros fariam de Portugal muito diferente julzo, mais rigoroso, mais carinhoso e mais justo.

Só então as visitas de intelectuais e de políticos, alicerçadas em vantagens acessíveis, seriam conducentes a fins práticos, a que o factor comercial daria o definitivo impulso. E a aproximação tornar-se-ia um facto, principalmente, desde que, no campo económico, factores ponderáveis a aconselhassem. Esses factores existem, nada mais sendo necessário do que o seu estudo para que entrem em função.

Terminando êste capítulo, frisarei apenas que, para que uma verdadeira aproximação se realize, indispensável se torna, por um lado elevar o nível médio da cultura, propagando a instrução e buscando nivelá-la, tanto quanto possível, entre os dois povos; por outro, tornar harmónicos os pontos em litígio entre as duas Academias, acordando em todos os pormenores quanto às reformas a introduzir no idioma.

Nós, portugueses, devemos ter em atenção que o vocabulário se enriqueceu enormemente com o concurso de uma nação que é pletónica de produções e de riquezas naturais, de objectos e de coisas que nos escapam, que nos faltam na metrópole, quiçá na Europa; que essa superabundância natural acarreta supervibração anímica e, portanto, criação de termos novos e de novos giros de locução, de novos ritmos, como de novas formas de sintaxe que teremos de patrocinar, acompanhando o idioma no seu desdobramento e evolução.

## DE CINEMA

# Volga - Volga... e Volga - Volga

A lenda de Stjenka Rasin, cossaco do século XVII que com o sacrificio da vida conquistou a liberdade do seu povo, já transposta para o cinema, há uns anos atraz, pelos russos, foi de novo aproveitada para um filme, desta vez alemão, realizado por Fred Lyssa. Tinha êste uma vantagem a aproveitar na factura dêste filme: o som. E a verdade é que soube servir-se dela de maneira a merecer os aplausos de quantos viram o seu **Volga... Volga**, sobretudo no comentário musical, extraordinariamente valorizado pelos côros dos «Cossacos do Dão».

Certas cenas, na conjugação da música e da imagem, resultaram duma beleza invulgar, como por exemplo a dos cossacos arrastando o barco ao som de «Os barqueiros do Volga».

Mesmo com esta vantagem, que no presente caso valorizou imenso a película, Fred Lyssa ficou longe de igualar o **Volga... Volga** de há meia duzia de anos.

Querendo talvez fugir a qualquer influência da produção eslava, o realizador germânico modificou como e onde quiz a acção da história, tornando-a mais retórica, mais vulgar e portanto menos emocional, ao contrário do que provavelmente pretendia.

A princesa, que era apunhalada por um amigo de Rasin para lhe restituir o prestígio, perdido pela falta de cumprimento dos códigos que proibiam mulheres a bordo, morre aqui nos braços de Stjenka, e juntamente com êle, numa explosão pseudo-patética provocada pelos próprios cossacos, que preferiram assim a morte à derrota. E termina êste filme com o rapazinho amigo de Rasin (aqui já matulão) junto do Tzar, feliz por levar a bom termo a sua missão, enquanto na versão muda morria de sede, nos braços de Stjenka Rasin, a molhar-lhe a testa febril com água salgada e a olhar as nuvens que se encastelavam...

//

Se falarmos do valor intrínseco de **Volga... Volga** de Fred Lyssa reconhecer-lhe-emos qualidades artisticas que o colocam entre o melhor que a Alemanha tem produzido ultimamente. Está bem realizado, fotografia excelente nos exteriores, com um elenco de intérpretes apreciável, tudo num ambiente apropriado que convence. Mas se o compararmos com o **Volga... Volga** do mudo, à parte a vantagem do som, de que já falei, vê-lo-emos diminuir no nosso conceito a ponto de ficarmos irritados com o sr. Fred Lyssa por ter a pretensão de fazer **OUTRO Volga... Volga...**

Quando poderemos ver com frequência filmes da categoria de **Volga... Volga**, mudo?

MANUEL DE AZEVEDO